

Exemplos da participação de Indaiatuba na economia paulista dos séculos XVIII e XIX

Adriana Carvalho Koyama

Observando a economia local durante os séculos XVIII e XIX, podemos encontrar exemplos de todos os ciclos econômicos paulistas. Assim vejamos:

Povoamento e bandeirantismo

No início do século XVIII, a busca de ouro e o apresamento de índios nos sertões, principalmente em direção a Goiás e Cuiabá, predominavam no interior da capitania de São Paulo, inclusive na área que viria a ser Indaiatuba. A partir do trabalho de Francisco Nardy Filho¹, Nilson Cardoso de Carvalho aponta, em *Cronologia Indaiatubana*:

A presença de moradores nas imediações do Rio Jundiá e de seus afluentes é bastante antiga, sendo uma das referências o sítio do Coronel Antonio Pires de Campos, famoso bandeirante, que em 1723 alojou ali os seus índios Bororos, às margens do rio, onde hoje é a fazenda Taipas junto ao seminário dos Jesuítas.

Também consta em Homem de Melo (1872), que:

A fazenda Itaici pertenceu outrora a Antonio Pires de Campos, o qual neste lugar chegou a ter de seu serviço seiscentos bugres cativos. Receando-se o governo português de tão grande poder nas mãos de um só homem, chamou-o à metrópole. Campos assustando-se com essa medida, para evitar os seus efeitos, internou-se pelos sertões de Cuiabá, onde serviu de capitão-mor de Mato Grosso. Os índios o chamavam de Pai-Pirá.

Vemos que o bandeirante, além de ter suas terras em Itaici, vive de apresamento de índios, e quando precisa foge exatamente para os sertões de Cuiabá, atestando a ligação que havia entre os habitantes daqui e essa região de minas de ouro e grandes contingentes indígenas. Além dessas atividades, havia nas terras de Indaiatuba na segunda metade do século XVIII uma produção de subsistência estável, composta de milho, feijão, mandioca e frutas. E a criação de porcos e bestas muares.

Ciclo da Cana

A partir dos esforços do governo de Morgado de Mateus em São Paulo (1765-1775) a produção de açúcar para exportação foi muito incentivada no interior de São Paulo, na área chamada de quadrilátero do açúcar, situada entre Sorocaba, Piracicaba, Mogi Guaçu e Jundiá. Esse esforço do governo paulista foi guiado por interesses militares, para que essa área fosse povoada e servisse como escudo para eventuais avanços dos espanhóis a partir da região sul da América espanhola. Como resultado temos a

ocupação de toda nossa região. Segundo Nilson Cardoso de Carvalho, no final do século XVIII

um dos mais importantes habitantes de Indaiatuba era o tenente Pedro Gonçalves Meira, senhor de engenho que adquiriu a fazenda Pau Preto em 1791 [...] Seu engenho de cana era movido por água do córrego Belchior, retirada de uma levada que principiava onde hoje é a ponte, perto do antigo matadouro municipal. (2004)

Examinando-se os censos anuais dos moradores de Indaiatuba percebe-se que, a partir de 1793, ano a ano vai aumentando o número de “fogos” [moradias] erguidos próximos ao engenho do tenente Pedro Gonçalves Meira. Essas moradas eram habitadas por pessoas pobres, geralmente viúvas, que “plantavam mantimentos para o gasto”, “viviam de fiar”, “viviam de fazer louças”, ou “viviam de esmolos” e, depois, vão aparecendo artesãos como carpinteiro, ferreiro e sapateiro, seguidos de pessoas que “viviam de seu negócio” [comerciantes].

Esse relato permite-nos afirmar com segurança que a origem de nossa cidade está intimamente ligada ao ciclo da cana a que nos referimos. Ainda no mesmo livro lemos que

Os engenhos foram sendo montados de forma progressiva, proliferando-se entre o final do século XVIII [durante o governo do Morgado de Mateus] e a primeira metade do século XIX, de tal forma que por volta de 1850 não havia em Indaiatuba um só córrego com queda suficiente para mover uma roda d’água que não tivesse já a sua “fábrica de fazer açúcar”.

No entanto, na metade do século XIX os grandes agricultores paulistas trocaram rapidamente o açúcar pelo café, muito mais lucrativo naquele momento. Assim, o capital que havia sido acumulado com a exportação do açúcar é usado por esses fazendeiros para a instalação da nova cultura, cujo custo é elevado. Pouco restou no interior de São Paulo do patrimônio edificado remanescente desse período. Segundo Maria Thereza Schorer Petrone (1968),

a falta de vestígios de engenhos no “quadrilátero do açúcar” se deve certamente à curta duração do ciclo do açúcar e à rápida substituição dos canaviais por cafezais [...] Além disso, grande parte dos engenhos eram bem pequenos, contando com instalações precárias que não poderiam resistir ao tempo.

Não temos notícia de construções remanescentes desse período em Indaiatuba, à exceção do Casarão e da sede da fazenda Engenho d’Água, hoje no centro da Morada do Sol. Estas são as construções mais próximas do que seria uma antiga “fábrica de açúcar”, pois usam as mesmas técnicas construtivas, ou seja, a taipa de mão e a taipa de pilão. Outra construção importante desse período é a Igreja da Candelária.

Ciclo do café

Segundo Petrone, em 1852 em Campinas existiam 52 engenhos de açúcar para 68 fazendas de café, cuja produção continuará a crescer ao longo da segunda metade do século XIX. Toda a região viveu um crescimento importante no chamado período do

café, que só termina com a crise de 1929. Um exemplo da grandeza do período cafeeiro em Indaiatuba é a história da Fazenda Pimenta: foi um dos locais de Indaiatuba que mais recebeu imigrantes italianos no século XIX, atestando seu poderio econômico. Esse poderio foi construído com a produção de café, como veremos. Seleccionamos alguns registros relativos à Fazenda Pimenta existentes na Coleção Nilson Cardoso de Carvalho de História regional. O primeiro é o seguinte:

Registro de Terras de Itu, 1817-1818, Arquivo do Estado de São Paulo

Dono	Nome da Fazenda	Braças de testada e de fundo	Cultura	Escravos	Residência do Dono
O Cap.m J.e de Camargo Penteadó	Hua Fazenda denominada Pimenta havida p.r compra	2.250 braças de testada 1.500 de fundo	Planta canas e mantimentos	Nesta cultura se emprega 25 escravos	Rezide na m.ma Fazenda

e também, em 1818

1 O Cap.m Jose de Camargo Pent.do.....b. c	46 Senhor de
D. Anna de Arruda Buena b. Filhos	17 Eng.o faz de asucar Alvo 300
Fran.co de Camg.o Pent.oS	22 Rd.o150
Ant.o de Camg.o Sold.o Meliciano	16 M.co50
Joze de Cam.g.....S	14 Deixa p.a seo gasto
Fran.co de Arruda.....S	12 alvo 10 @ [arrobas]
Gertrudes	9 Planta mantimento
Joaquim	4 p.a seo gasto
Escr.os	Colheo de arroz
[35 nomes]	15 alqueires.

Mapa dos Habitantes da Villa de Itu em 1818, Maços de população, Arquivo do Estado de São Paulo – DAESP.

A partir da leitura desses documentos, podemos perceber que a Fazenda Pimenta foi produtora de açúcar no início do século XIX. Veremos também que pertenceu, mais para o final daquele século, a Antonio de Almeida Sampaio, período em que produziu café, como consta nesse texto de Nilson Carvalho, feito a partir do inventário do fazendeiro:

Hoje, 04 de julho de 1996 comecei a examinar no Museu Republicano de Itu, o inventário do Coronel Antonio de Almeida Sampaio, processo que contém muitas informações sobre este famoso fazendeiro de Indaiatuba. O Coronel Antonio de Almeida Sampaio faleceu em sua fazenda Pimenta, município de Indaiatuba, no dia 2 de novembro de 1910 [...] Foi dono, em Indaiatuba, das fazendas:

Pimenta, com-----115.000 pés de café, área de 350 alqueires, 25 casas para colonos

Gramma, com-----270.000 pés de café, área de 400 alqueires, 48 casas para colonos

Santa Rita, com-----250.000 pés de café, área de 150 alqueires, 38 casas para colonos

Sub-total -----645.000 pés de café, área de 900 alqueires, 111casas para colonos

Pelo inventário deduzimos a grandeza da produção de café dessa fazenda, o que justifica a existência de uma estação de trem dentro da fazenda, a Estação Pimenta. Essa facilidade de embarcar o produto diretamente da fazenda é típica de grandes produtores de café, pois seu custo é bastante alto. É enorme contingente de trabalhadores contratados por esse fazendeiro, pois juntas suas fazendas têm 111 casas de colonos. A Fazenda Pimenta é um bom exemplo dos ciclos da cana e do café em Indaiatuba, pois reúne as seguintes características:

- Havia um engenho na fazenda Pimenta no período do ciclo do açúcar paulista, com documentação sobre isso datada do início do século XIX (1818), embora não existam vestígios conhecidos dessa construção, que foi feita seguramente em taipa de mão ou de pilão.
- Pertenceu, no final do século XIX, a um grande produtor de café, período em que recebeu, juntamente com as outras propriedades do mesmo fazendeiro, grande contingente de imigrantes italianos como colonos e teve a sua própria estação de trem, importante patrimônio ainda existente.

Outras culturas se sucederam no século XX na mesma fazenda, e sobre o período mais recente podemos encontrar depoimentos de pessoas que conheceram a fazenda e fazer uso da história oral. Infelizmente, em se tratando da história do século XVIII e XIX, isso não é possível, pois os depoimentos deixam de ser confiáveis, a não ser que estejam de acordo com outros dados, como documentos de arquivo, construções remanescentes, etc. O patrimônio edificado no período cafeeiro em Indaiatuba pode ser visto no percurso entre o largo da Matriz e a estação de trem _inclusive a estação. As construções ainda existentes são remanescentes importantes. O hospital também foi construído nos final desse ciclo, por Augusto de Oliveira Camargo, fazendeiro preocupado com a vida da cidade. No centro temos outras construções do período, mas infelizmente a maioria está oculta atrás de reformas, cartazes, etc. E a demolição tem se acelerado com o crescimento da cidade dos últimos anos. Existem algumas fazendas do período do café, mas o acesso a elas é bastante restrito.

Bibliografia

CARVALHO, N.C.

2004. A Paróquia de Nossa Senhora da Candelária de Indaiatuba 1832-2000. Indaiatuba: Fundação Pró-Memória de Indaiatuba.

2003. Cronologia Indaiatubana. Indaiatuba: mimeo.

1984. Arquitetura em Taipa: um dos últimos exemplares em Indaiatuba. Indaiatuba: mimeo.

HOMEM DE MELLO, F. I. M. *Excursão pelo Ceará, São Pedro do Sul e São Paulo*. Rio de Janeiro: in Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil número 35, 1872.

PETRONE, M.T.S. A lavoura canaveira em São Paulo. São Paulo: DIFEL, 1968.

¹ NARDY FILHO, Francisco. A Cidade de Itu, v. 3. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1950.